
Entendimento dos alunos do Ensino Médio em uma Escola Pública do Recife sobre Sexualidade e HPV

Understanding of high school students in a public school in Recife about sexuality and HPV

Luene Paz da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9593-8700>
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil
E-mail: luene.paz@ufrpe.br

José Sérgio Herculano Gomes da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1559-7631>
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil
E-mail: herculanosergio.03@gmail.com

Mariza Brandão Palma

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6809-8396>
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil
E-mail: mariza.palma@ufrpe.br

Anísio Francisco Soares

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1493-7964>
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil
E-mail: anisio.soares@ufrpe.br

RESUMO

A puberdade é responsável por uma série de mudanças biopsicossociais, que podem originar comportamentos de risco, incluindo a exposição à IST 's. O HPV, por sua vez, possui uma alta incidência entre os jovens, graças à falta de informações sobre a prevenção contra este vírus. O objetivo deste trabalho foi investigar o conhecimento dos estudantes do Ensino Médio em relação às ISTs, enfatizando suas percepções sobre a infecção pelo HPV e a relação com o câncer de colo uterino. Fundamentando-se no método qualitativo descritivo e na pesquisa-ação, foi formulado um questionário investigativo a respeito do HPV, a fim de analisar as lacunas de conhecimento e superá-las realizando oficinas informativas. As respostas evidenciaram incompletudes nas noções sobre formas de transmissão e local de instalação do vírus, mas resultados consideravelmente positivos quanto a sinais e sintomas e a relação com o câncer de colo de útero. As oficinas, então, viabilizaram a disseminação de informações corretas e uma interação ativa entre os envolvidos, culminando numa aprendizagem significativa. Portanto, torna-se crucial a execução de ações que promovam a autorresponsabilidade e a educação sexual nas escolas.

Palavras-chave: Educação sexual; Oficinas; Papilomavírus Humano; Pesquisa-ação.

ABSTRACT

Puberty is responsible for a series of biopsychosocial changes that can lead to risky behavior, including exposure to STIs. HPV, in turn, has a high incidence among young people, thanks to the lack of information about prevention against this virus. The objective of this study was to investigate the knowledge of high school students regarding STIs, emphasizing their perceptions about HPV infection and its relationship with cervical cancer. Based on the descriptive qualitative method and on action research, an investigative questionnaire about HPV was formulated in order to analyze the gaps in knowledge and overcome them by conducting informative workshops. The answers showed incompleteness in the notions about ways of transmission and place of installation of the virus, but considerably positive results regarding signs and symptoms and the relationship with cervical cancer. The workshops, then, enabled the dissemination of correct information and an active interaction between those involved, culminating in a significant learning experience. Therefore, it is crucial to carry out actions that promote self-responsibility and sex education in schools.

Keywords: Human Papillomavirus; Action research; sex education; Workshops.

INTRODUÇÃO

A adolescência é conceituada como a fase de desenvolvimento do ser humano que se encontra entre a infância e a idade adulta (FROTA, 2007). Ainda que transitória, é extremamente importante, pois durante esse período ocorre um entrelaçamento do desenvolvimento físico, psicológico e social do adolescente (FERREIRA *et al.*, 2017). Além disso, Garcia (2010) destaca que a adolescência engloba dois processos distintos, porém interligados: a própria adolescência, caracterizada pelas mudanças sociais e emocionais, e a puberdade, que se refere às transformações físicas relacionadas ao amadurecimento sexual e à capacidade reprodutiva. Essa série de alterações psicológicas e biológicas desperta o desejo de vivenciar experiências intensas, o interesse romântico e, em alguns casos, o início na vida sexual (FILIPINI *et al.*, 2013).

Os comportamentos de risco muitas vezes adotados durante a puberdade contribuem significativamente para a alta incidência de infecções sexualmente transmissíveis (IST) nessa faixa etária (COSTA & NUNES, 2017). Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), as IST estão entre as doenças mais prevalentes no mundo, constituindo um grave problema de saúde pública que acarreta repercussões sanitárias, sociais e econômicas. A dificuldade de diagnóstico impossibilita o tratamento precoce e o prognóstico pode resultar graves sequelas, como infertilidade, perda fetal, gravidez ectópica e morte prematura (CORTEZ & SILVA, 2017).

Entre os adolescentes, o papilomavírus humano (HPV) apresenta incidência significativa devido às relações sexuais caracterizadas pela multiplicidade de parceiros e, frequentemente, à falta do uso de preservativo. Em muitos casos, o HPV está presente

de forma latente, não resultando no desenvolvimento de lesões, o que dificulta o diagnóstico. A ausência de informações concretas sobre as formas de contaminação e os métodos de prevenção leva a uma rápida disseminação do vírus, tornando-se assim um problema de saúde pública preocupante (MACÊDO *et al.*, 2015).

O HPV integra a família dos Papovavírus ou *Papovaviridae*, sendo considerado um agente etiológico responsável por uma IST, chamado no senso comum pelo nome de condiloma acuminado, verruga genital ou crista de galo. Há cerca de 120 tipos, no qual 36 podem infectar o trato genital (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006). A transmissão ocorre através do contato direto entre a pele infectada e os HPV's genitais durante as relações sexuais, acometendo homens e, mais frequentemente, mulheres. Ele pode causar lesões na vagina, no colo do útero, no pênis e ânus. Estudos demonstram a presença rara dos vírus na pele, laringe (pregas vocais) e esôfago (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010).

Há ainda uma estreita relação entre o HPV e outros processos patológicos. Entre as IST, o HPV foi a de maior frequência e o principal fator de risco para o câncer do colo do útero (CCU), que se configura como o terceiro tipo mais recorrente entre as mulheres. No Brasil, a estimativa de casos novos para 2023 é de 17.010, o que representa um risco considerado de 13,25 casos a cada 100 mil mulheres. Na análise regional, o CCU é o segundo mais incidente nas regiões Norte (20,48/100 mil) e Nordeste (17,59/100 mil) e o terceiro na Centro-Oeste (16,66/100 mil). Já na região Sul (14,55/100 mil) ocupa a quarta posição e, na região Sudeste (12,93/100 mil), a quinta posição (INCA, 2022).

Segundo Santos *et al.* (2013), os genótipos do HPV são classificados em subgrupos considerados de baixo e alto risco oncogênico, a fim de definir uma relação entre a infecção persistente, os tipos virais e o os tipos de câncer aos quais estão associados, principalmente as neoplasias do colo uterino. No entanto, embora seja o principal fator de risco para o câncer do colo uterino, o HPV não pode ser considerado como a única causa necessária para o desenvolvimento desse tipo de neoplasia maligna. Diversos fatores podem contribuir para a infecção, destacando-se os fatores virais, como os subtipos virais, as particularidades do indivíduo infectado, o início precoce da atividade sexual, a multiplicidade de parceiros, hábitos de higiene precários e o tabagismo, além de infecções por outros patógenos transmitidos sexualmente, como o

vírus da imunodeficiência humana (HIV), *Chlamydia trachomatis* e o herpesvírus do tipo 2 (WRIGHT *et al.*, 2015).

Aproximadamente 75% dos adolescentes e adultos que iniciaram sua vida sexual e encontram-se dentro da faixa etária de 15 a 49 anos de idade apresentam pelo menos um tipo de infecção pelo vírus HPV (PALEFSKY, J., 2001). A literatura relata que mulheres infectadas são mais suscetíveis a desenvolverem neoplasias de colo uterino numa proporção de 50 a 70 vezes maior quando comparadas às não infectadas. Isso ressalta a importância da divulgação das informações necessárias para evitar a infecção pelo vírus e suas consequências (PINTO *et al.*, 2012).

O controle abrangente do CCU inclui prevenção primária (vacinação contra o HPV), prevenção secundária (triagem e tratamento de lesões pré-cancerosas), prevenção terciária (diagnóstico e tratamento do câncer invasivo do colo do útero) e, na pior das hipóteses, cuidados paliativos. As vacinas que protegem contra os genótipos mais agressivos do HPV são recomendadas pela OMS e foram aprovadas em diversos países, incluindo o Brasil, no qual são administradas duas doses para homens e mulheres de 9 a 14 anos, e três doses na faixa dos 15 aos 45 anos (BRASIL, 2022). A vacina contra o HPV previne as verrugas genitais (cervical, anal e vaginal) e cânceres vulvares, além de reduzir o risco da maioria dos cânceres de garganta e pênis também relacionados ao vírus (SZYMONOWICZ & CHEN, 2020). Todavia, uma vez que a vacina contra o HPV não protege contra todos os subtipos, ainda é recomendado que as mulheres façam o teste de Papanicolau, que detecta processos pré-cancerosos e/ou cancerígenos no colo do útero, bem como os testes de HPV, a fim de verificar a ocorrência do HPV em diferentes tecidos (SZYMONOWICZ & CHEN, 2020).

No contexto nacional, ainda há a necessidade de elaboração de projetos com o objetivo de verificar o conhecimento da população sobre esse vírus, uma vez que estudos anteriores indicam que uma parcela significativa de mulheres e homens não possui entendimento adequado das características deste vírus. Além disso, essa falta de conhecimento levanta questões sobre a aceitação de vacinas, já que os responsáveis legais frequentemente não compreendem sua importância (OSIS, *et al.*, 2014).

A ausência de um espaço adequado para discussão da sexualidade e temas correlatos favorece o desenvolvimento de sentimentos de insegurança, ansiedade, culpa e medo provenientes da falta de oportunidade de conhecer a sexualidade como algo natural, livre de preconceitos e baseada em informações fidedignas (TORQUATO *et al.*,

2017). Por conseguinte, torna-se imprescindível o desenvolvimento da educação sexual com orientações adequadas, que estimulem o jovem à reflexão crítica de sua realidade, favorecendo a vivência de atitudes e comportamentos saudáveis que promovam a auto-responsabilidade e compromisso consigo, com quem ele se relaciona e com a sua própria sexualidade (FAIAL *et al.*, 2016; TORQUATO *et al.*, 2017).

Desse modo, o presente trabalho objetivou averiguar o conhecimento de discentes do Ensino Médio sobre IST's, métodos contraceptivos e práticas sexuais seguras, dando um maior enfoque em suas percepções sobre a infecção pelo HPV e suas manifestações clínicas. Ao final do projeto, para proporcionar um melhor conhecimento teórico-prático, foram realizadas oficinas abordando as temáticas discutidas.

METODOLOGIA

O presente trabalho configura-se como uma pesquisa qualitativa descritiva, viabilizada pelo método de pesquisa-ação. A instituição de ensino escolhida foi a Escola de Referência em Ensino Médio Professor Cândido Duarte, localizada no município de Recife - PE, onde buscou-se estabelecer uma intercomunicação entre os pesquisadores responsáveis pelo estudo e os discentes da instituição em questão, estabelecendo assim uma troca de informações.

Como critério de inclusão, puderam participar deste estudo os discentes que se encontravam dentro na definição de adolescência do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), isto é, com faixa etária de 12 a 18 anos de idade. Para cumprir com os princípios éticos e normas regulatórias, bem como respeitar a autonomia dos participantes quanto à sua participação na pesquisa, foi enviado para assinatura e elucidado aos participantes e aos seus respectivos representantes legais o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a fim de promover a transparência e a confiança sobre a natureza da pesquisa, suas expectativas, procedimentos e limitações.

A pesquisa descritiva, por sua vez, é comumente utilizada não somente para detalhar fenômenos, situações e eventos, como também para verificar diferentes problemáticas e justificar condições, além de confrontar e conferir o que é desenvolvido por outrem em circunstâncias análogas, oportunizando a elucidação de tais situações para possíveis tomadas de decisões (GRESSLER, 2004). Já a pesquisa qualitativa busca manter uma relação constante entre quatro pilares imprescindíveis: a teoria, o momento empírico, os próprios instrumentos e o processo de construção e interpretação das

informações à disposição, findando numa produção rica em conhecimentos para todos os envolvidos no trabalho, ou seja, pesquisador e pesquisado (AMATUZZI, 1996).

A pesquisa-ação pode ser definida como um tipo de pesquisa com base empírica, que é concebida e realizada de maneira conjunta a uma ação educativa ou mesmo como resolução de uma adversidade coletiva, onde tanto os pesquisadores quanto os participantes representativos das circunstâncias ou do problema envolvem-se de forma cooperativa ou participativa (THIOLLENT, 2008). Nessa perspectiva, torna-se válido ressaltar que já existe uma relação mantida entre a pesquisa-ação e a própria ação pedagógica em diferentes níveis do ensino, seja ele básico ou superior, visto que tal metodologia surgiu da necessidade de superar o distanciamento entre teoria e prática, buscando-se, de modo inovador e já durante o processo de pesquisa, intervir na parcela prática do tema, e não apenas na etapa final do projeto (THIOLLENT & COLETTE, 2014; ENGEL, 2000).

Utilizou-se também uma abordagem dialética, com a finalidade de obter um nível mais elevado de conhecimento sobre o problema observado. Torna-se oportuno optar por este tipo de estudo pelo fato de se buscar compreender a essência da realidade a ser investigada, levando em consideração seus diversos fatores, viabilizando assim um maior entendimento da totalidade. Segundo Holliday (2006), quando se tem o objetivo de sistematizar dialeticamente, é necessário efetuar um exercício múltiplo: 1) realizar uma interpretação crítica, compreendendo o sentido da experiência; 2) ordenar e reconstruir o processo vivido; 3) compreender a lógica por trás deste processo; e 4) produzir conhecimento novo, alcançados a partir de análises, sínteses, induções e deduções.

Em primeira instância, foi feita uma reunião com o corpo docente e a gestão responsável pela administração da Instituição de Ensino, a fim de elucidar o escopo do projeto e recolher as assinaturas no termo de anuência, haja visto que a escola atuaria como co-participante do projeto de pesquisa. Ainda no primeiro momento, também foi possível obter conhecimento sobre o quantitativo total de adolescentes matriculados na instituição, além de questionar quais eram as ações e atividades pedagógicas desempenhadas quanto à temática de saúde sexual e reprodutiva dos discentes. Os questionamentos foram feitos visando realizar uma diagnose contextual, para que servisse como base para a elaboração e, posteriormente, a aplicação dos formulários

junto aos professores e adolescentes, culminando em reflexões críticas sobre a relevância e a necessidade de articular um trabalho voltado para a educação sexual.

Em seguida, foi marcada uma segunda reunião com os adolescentes e seus responsáveis legais, que ocorreu de maneira dialógica para o esclarecimento sobre seus objetivos, procedimentos, contrapontos e potenciais benefícios da pesquisa-ação, além de que todos foram informados sobre o anonimato das respostas, visando a preservação da confidencialidade. Após as assinaturas dos voluntários no TCLE, houve então a aplicação individual de um questionário semi-estruturado, durante os intervalos entre as aulas numa sala reservada pela gestão.

Quanto ao questionário investigativo, utilizou-se *Google Forms*, disponibilizado gratuitamente pela empresa de tecnologia *Google*, que tanto serve como plataforma para a confecção de questionários como também para a coleta de informações com o uso de um link gerado pelo próprio aplicativo, evidenciando a praticidade como uma de suas principais vantagens (MOTA, 2019). As perguntas contidas no questionário tratavam sobre o HPV, formas de transmissão, manifestações clínicas, possíveis locais do corpo humano que podem ser acometidos, fatores de risco e a relação entre o vírus e o diagnóstico de câncer de colo de útero. Com todas as respostas contabilizadas pelo aplicativo, foram feitas análises estatísticas para descrevê-las em gráficos.

Por fim, ao analisar os resultados obtidos em cada pergunta do questionário, foi possível observar as fragilidades demonstradas pelos discentes, o que viabilizou o planejamento e confecção de oficinas informativas sobre a temática em questão, promovendo assim uma aprendizagem significativa e compartilhada. Foram então realizados encontros no Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal – DMFA da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE para dialogar sobre as temáticas envolvidas no projeto de pesquisa. Durante os encontros foram desenvolvidas atividades de leitura e exposições teóricas seguidas de debates.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

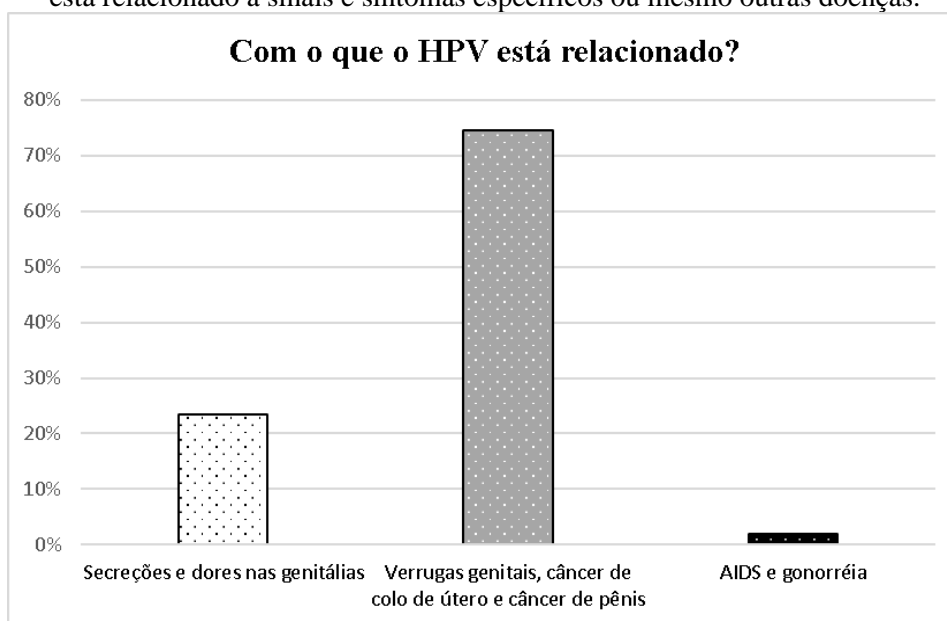
O estudo foi realizado com um total de 42 participantes, sendo todos alunos regularmente matriculados no ensino médio. Dentre os participantes do presente estudo, a faixa etária observada encontra-se entre 16 a 18 anos de idade, todos residentes da zona urbana do município de Recife / PE.

Na primeira pergunta do questionário, os participantes responderam se o HPV está relacionado a sinais e sintomas específicos ou mesmo outras doenças (Figura 1). Dos 42 discentes entrevistados, 31 (74,5%) disseram que o vírus em questão pode encontrar-se associado ao aparecimento de verrugas genitais, ao câncer de colo de útero e ao câncer de pênis; 10 (23,5%) apontaram o surgimento de secreções e dores na região genital, e apenas 1 (2%) citou a ligação com a AIDS e a gonorreia. No estudo realizado por COSTA *et al.* (2022), revelou-se um conhecimento proeminente dos alunos acerca da relação entre o HPV e o câncer de pênis, com 83,7% respondendo positivamente quando questionados. Quanto ao CCU, Castro & Silvério (2018), descreveram que 74% dos voluntários reconheceram a ligação deste com o vírus. Tais respostas evidenciam um conhecimento notável acerca dos sintomas do HPV e da relação mantida com os tipos de câncer citados, especialmente o de colo de útero. Desde a década de 90, Walboomers *et al.* (1999) já descreviam a presença do DNA destes vírus em neoplasias cervicais, como carcinoma cervical, carcinomas escamosos e adenocarcinomas.

Entretanto, nem sempre a alta porcentagem descrita nesta pergunta reflete uma correlação direta com as múltiplas realidades dos adolescentes no país. No trabalho idealizado por Santos *et al.*, (2019), dentre os 230 discentes entrevistados, apenas 43% associou corretamente a relação entre o HPV e as verrugas genitais; no caso do câncer de pênis, observou-se uma quantidade ainda menor (somente 29%).

Embora seja a alternativa de menor porcentagem, é importante esclarecer que indivíduos afetados pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) apresentam risco aumentado de infecção pelos diferentes tipos de HPV. Isso ocorre devido à imunossupressão crônica que cria um ambiente propício à infecção persistente e, conseqüentemente, aumenta a possibilidade de transformações malignas (BURD & DEAN, 2016). Segundo Miranda *et al.*, (2017), mulheres soropositivas não somente possuem maior suscetibilidade à infecção pelo HPV como também dispõem de um maior número de lesões intraepiteliais graves.

Figura 1 – Frequência em porcentagem das respostas dos discentes inquiridos sobre se o HPV está relacionado a sinais e sintomas específicos ou mesmo outras doenças.



Fonte: Dados obtidos pelos autores.

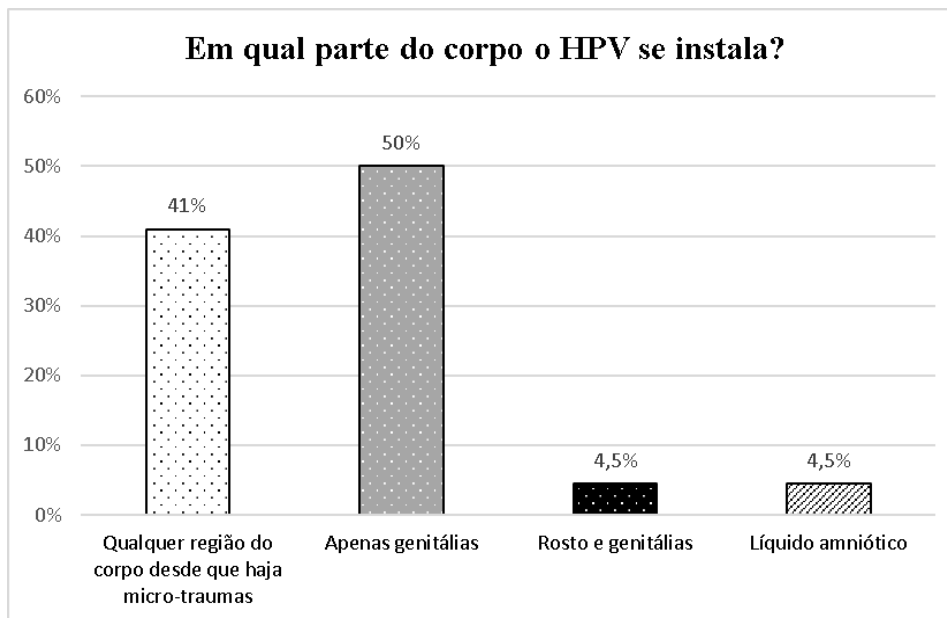
Quando questionados sobre em qual parte do corpo o HPV se instala durante a infecção (Figura 2), 21 (50%) dos alunos responderam apenas nas genitálias, 17 (41%) citaram qualquer região do corpo, bastando haver uma porta de entrada através de micro-traumas, 2 (4,5%) indicaram rosto e genitálias e 2 (4,5%) apontaram o líquido amniótico (Figura 2).

Este conjunto de respostas expõe uma certa fragilidade de entendimento sobre as características do HPV, visto que a região genital dos indivíduos, apontada como a principal, não é a única com a possibilidade de ser acometida pela infecção. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2017), as neoplasias de orofaringe também relacionam-se com o HPV, sendo duas vezes mais incidentes em homens, e responsáveis por mais de 400 mil diagnósticos, ocorrendo cerca de 225 mil mortes ao ano, no mundo. Além disso, estudos recentes vêm buscando esclarecer uma possível ligação entre o processo de carcinogênese no pulmão e a infecção por genótipos de alto risco do HPV (KARNOSKY, 2021). Esses déficits de conhecimento podem ser observados até mesmo em outras pesquisas, onde 51% dos discentes responderam negativamente quando inquiridos sobre a conexão do HPV com neoplasias de boca e garganta (SANTOS *et al.*, 2019).

Quanto à possibilidade de alocação do vírus no líquido amniótico, a transmissão vertical já foi enfatizada em diversos estudos, onde há, conseqüentemente, a possibilidade de contaminação do feto ou do recém nascido por meio da placenta ou

pelo próprio contato com a mucosa genital materna durante o parto normal (PETCA *et al.*, 2020).

Figura 2 – Respostas dos discentes sobre em qual parte do corpo o HPV se instala durante a infecção.



Fonte: Dados obtidos pelos autores.

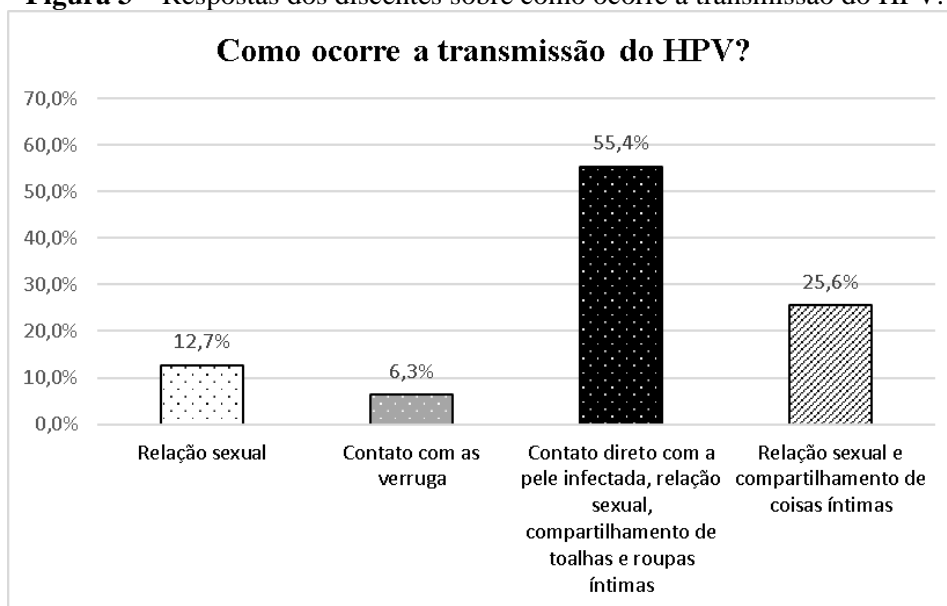
Adicionalmente, foi perguntado quais seriam as vias de transmissão do HPV, onde foi obtido como resultado a resposta de 23 (55,4%) participantes citando o contato direto com a pele infectada, relação sexual e compartilhamento de toalhas e roupas íntimas usadas, enquanto apenas 11 (25,6%) indicaram a relação sexual e o compartilhamento de objetos íntimos; ademais, 5 (12,5%) alunos apontaram a relação sexual como a única forma de infecção, e 3 (6,3%) o contato direto com as verrugas que surgem (Figura 3). Ao observar os dados obtidos e relacioná-los à questão anterior, observa-se uma lógica de raciocínio que interrelaciona a prevalência do HPV nas genitálias à transmissão por contato direto, durante a relação sexual, com a região afetada ou por objetos de uso íntimo. Esses resultados estão em conformidade com os dados descritos no trabalho realizado por COSTA *et al.*, (2022), no qual a grande maioria (89,36% de 47 participantes) acusaram a via sexual como a principal responsável pela transmissão do HPV. Nascimento *et al.*, (2013) também expuseram resultados semelhantes aos supracitados, dado que 84,25% dos 400 discentes entrevistados responderam que o HPV se propaga apenas por contato sexual. Por outra perspectiva, no estudo implementado por Melo (2019), ainda que 63,6% dos 190

adolescentes questionados tenham dito que a transmissão ocorre apenas por relação sexual, 29,9% indicaram não só o ato sexual, mas também a interação com fômites, que são objetos ou superfícies inanimadas que podem atuar como portadores ou vetores de agentes microbiológicos infecciosos.

Nesse sentido, a via sexual é a principal maneira de transmissão do vírus HPV. Todavia, essa transmissão pode acontecer por meio do contato oral-genital, genital-genital e/ou manual-genital, o que revela um alto risco de contaminação ainda que não aconteça o momento da penetração vaginal ou anal propriamente dito. O uso do preservativo durante o ato sexual, no caso do HPV, não garante a total proteção dos envolvidos, pois não há a cobertura total das áreas que são passíveis de infecção, tais como a vulva, a região pubiana e a bolsa escrotal (CARVALHO *et al.*, 2019). Reforça-se aqui incentivo ao uso do preservativo durante as relações sexuais entre indivíduos de qualquer sexo e gênero, justamente por sua atuação contra a disseminação de outras ISTs e a própria gravidez indesejada, adversidades que podem prejudicar ou interromper o projeto de vida dos indivíduos.

A possibilidade de transmissão horizontal por fômites têm sido discutidas em vários estudos e não se restringe apenas ao compartilhamento de objetos e peças íntimas, como também inclui a má higiene de equipamentos de exames ginecológicos e até mesmo de mãos e unhas, uma vez que vírus do HPV demonstrou ser altamente estável e resistente ao calor e à sequeção provenientes do ambiente (PETCA *et al.*, 2020; CASALEGNO *et al.*, 2012). Ainda que sejam necessários estudos mais complexos sobre as vias não sexuais, salienta-se a necessidade já bem estabelecida de manter uma boa higiene pessoal, a fim de se precaver contra microorganismos patogênicos.

Figura 3 – Respostas dos discentes sobre como ocorre a transmissão do HPV.



Fonte: Dados obtidos pelos autores.

Quando indagados sobre quais seriam os fatores de risco para o HPV, 23 (55%) apontaram o uso de anticoncepcionais orais, tabagismo, número elevado de gestações e acometimento por outras ISTs; 8 (19,6%) citaram a presença de algum outro tipo de câncer no indivíduo; 6 (15,6%) responderam que seriam relações sexuais sem o uso de preservativos e o tabagismo, e apenas 4 (9,8%) mencionaram ser apenas o período gestacional da mulher. As respostas coletadas expõem que a maioria dos adolescentes possuem um bom conhecimento sobre as condições que aumentam o risco de infecção por HPV, configurando-se como um aspecto positivo.

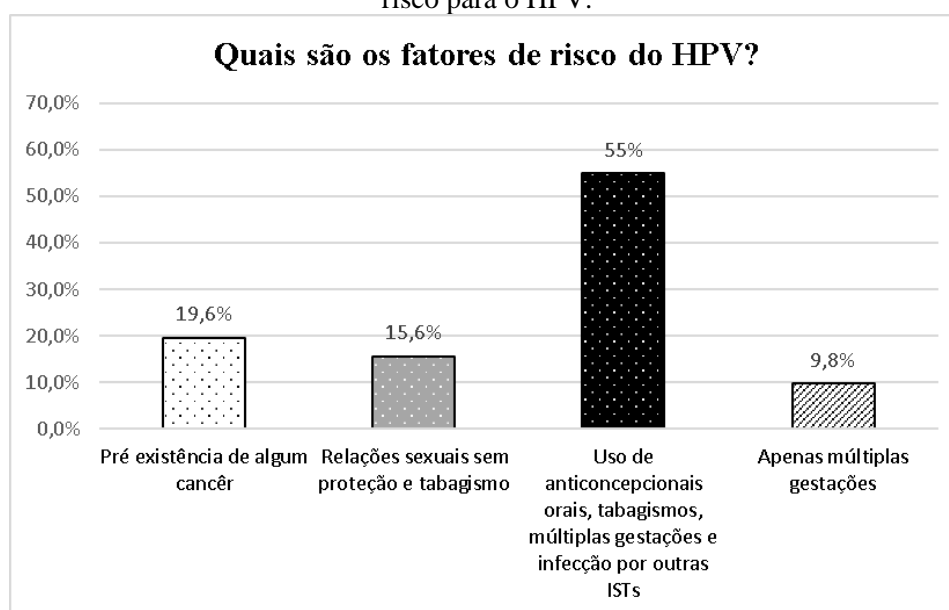
Quanto aos fatores relacionados à vida sexual, vários comportamentos aumentam o risco de desenvolvimento do câncer de colo do útero, devido a uma maior chance de adquirir infecção por HPV. Além da própria prática sem o uso adequado de preservativos, a relação sexual precoce e a multiplicidade de parceiros sexuais contribuem para o surgimento e progressão de tumores malignos no colo uterino, por significarem uma maior exposição ao vírus (CHOI *et al.*, 2023). Quanto ao número de gestações, a literatura acadêmica relata que mulheres com um alto número de gestações ao longo de suas vidas podem acabar se sujeitando a lesões cervicais mais graves por longos períodos, gerando um microambiente favorável ao vírus (YANG *et al.*, 2020).

É importante ressaltar que indivíduos imunossuprimidos, como aqueles que passaram por transplantes de órgãos, estão em tratamento contra câncer ou têm uma condição médica específica, realmente podem ter um risco maior de infecção persistente por HPV e desenvolvimento de lesões pré-cancerígenas ou cânceres relacionados ao

vírus (CHOI *et al.*, 2023). Portanto, o processo patológico responsável pelo aumento da possibilidade de infecção seria o estado de imunossupressão, e não o pré acometimento por outra neoplasia.

A prática do tabagismo é significativa para o desenvolvimento de neoplasias uterinas cervicais em indivíduos do sexo feminino que encontram-se infectadas com HPV de alto risco, já que o metabolismo de substâncias carcinogênicas provenientes dos cigarros podem culminar na presença destas entre as secreções cervicais e numa consequente persistência ou piora da infecção (SILVA *et al.*, 2014). Segundo Asthana *et al.* (2020), os anticoncepcionais orais estão ligados à prevalência de tipos de HPV e o seu uso prolongado é considerado relevante nas propriedades etiopatogênicas do desenvolvimento de malignidades no colo do útero, como adenocarcinomas, ainda mais caso o uso seja implementado antes do desenvolvimento total do trato genital feminino.

Figura 4 – Respostas dos estudantes expressas em porcentagem sobre quais são os fatores de risco para o HPV.



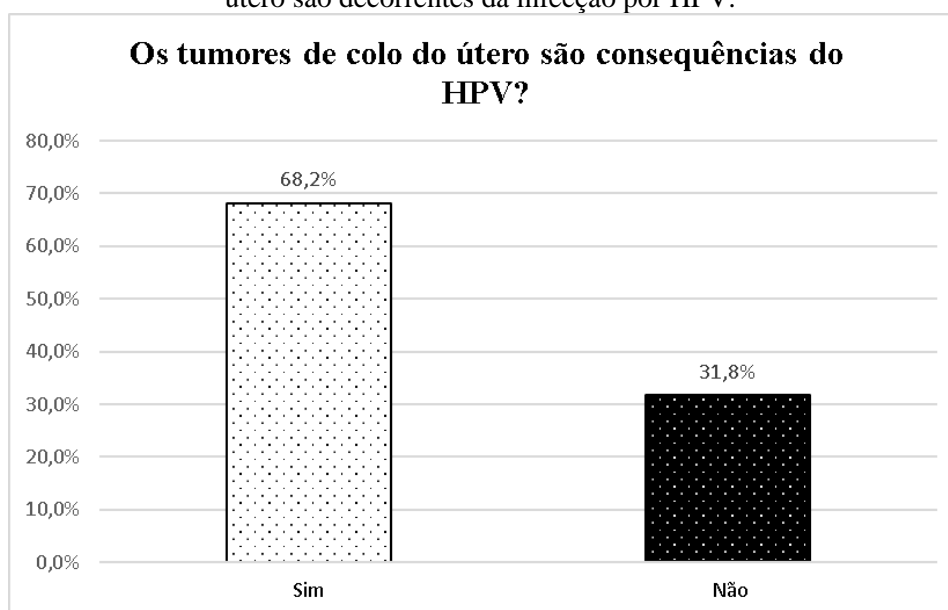
Fonte: Dados obtidos pelos autores.

Ao serem inquiridos sobre se os tumores de colo de útero são decorrentes da infecção por HPV, 29 (68,2%) dos alunos responderam que sim e 13 (31,8%) apontaram que não. Ainda que a maioria dos entrevistados reconheçam a relação que o HPV possui com este tipo de câncer, não deixa de ser preocupante o quantitativo considerável de alunos que não tiveram a mesma conclusão, o que revela uma lacuna de conhecimento

que pode levá-los a se exporem a situações de risco por conhecerem a doença, mas não completamente suas implicações.

Tais resultados encontram-se em consonância com pesquisas semelhantes, realizadas por Silva *et al.*, (2023), onde 34,8% dos 193 entrevistados afirmaram não possuir um alto conhecimento sobre IST's; por Almeida *et al.*, (2023), que evidenciou o fato de que 30% dos 40 discentes não relacionavam o HPV com o desenvolvimento de câncer; e por Silva *et al.*, (2021), no qual expôs a porcentagem de apenas 64% dos 50 alunos abordados que detinham conhecimento pleno sobre o vírus e neoplasias, revelando 36% que não reconheciam ou negavam a existência de tal associação. Nessa mesma perspectiva, Barreto *et al.*, (2016), que ao analisar as respostas de gestantes com idades entre 14 e 19 anos, constatou graves déficits de compreensão a respeito da transmissão, prevenção e consequências do HPV e de outras doenças transmitidas por via sexual.

Figura 5 – Respostas dos estudantes expressas em porcentagem sobre se os tumores de colo de útero são decorrentes da infecção por HPV.



Fonte: Dados obtidos pelos autores.

Para Abreu *et al.*, (2018), torna-se de extrema importância a mensuração do grau de conhecimento da população sobre o HPV, haja vista que permite, por meio dos dados obtidos, avaliar e selecionar estratégias pertinentes a cada contexto, para que assim sejam construídos planejamentos eficazes com medidas que compartilhem formas de prevenir e diagnosticar prematuramente o vírus e as suas alterações.

Salienta-se ainda que a sub-informação ou mesmo a ausência completa de informação constituem umas das principais barreiras a serem sobrepujadas no que diz respeito ao controle geral IST's, além de que a própria falta de instrução influencia na percepção de risco (GILKEY & MCREE, 2016). Para mais, a diversidade de contextos socioeconômicos e culturais, o nível de escolaridade e a insuficiência de educação sexual formal e bem estruturada por parte das escolas e dos pais contribuem para a perpetuação da falta de conhecimento dos adolescentes sobre sua saúde e seus direitos (FELISBINO-MENDES MS *et al.*, 2018).

Conforme descrito pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a temática sexualidade encontra-se entre as aprendizagens fundamentais que devem ser desenvolvidas pela equipe pedagógica de uma instituição de Ensino Básico. Nas diretrizes, além de preconizar que os estudantes devem compreender a organização e o funcionamento de seu corpo, também caracteriza como “fundamental que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva” (BRASIL, 2017). A realização de ações educativas relacionadas à saúde dentro do âmbito escolar também encontra-se nas propostas do Programa de Saúde da Escola (PSE), que integra ambas as áreas para promover a qualidade de vida dos estudantes (MACHADO *et al.*, 2021).

Nesse contexto, a análise dos dados obtidos por meio dos questionários permitiu observar as potencialidades e fragilidades existentes nas concepções dos alunos a respeito das temáticas abordadas, viabilizando a elaboração das oficinas para compartilhamento de informações. Segundo Paviani & Fontana (2009, p. 78), as oficinas servem de locais onde torna-se possível vivenciar circunstâncias concretas e significativas, uma vez que a metodologia implementada escapa do formato tradicional de ensino-aprendizagem, alcançando assim a apropriação, a construção e a produção de conhecimentos teórico-práticos de maneira ativa e reflexiva. Durante o planejamento de uma oficina, é necessário considerar não apenas os temas contidos no currículo escolar, mas também as particularidades dos discentes envolvidos, que podem dar origem a questões baseadas em seu próprio contexto histórico-social (JESUS & NETO, 2020).

Durante os encontros, observou-se o engajamento ativo e a construção de uma aprendizagem significativa com os alunos, o que permitiu que os discentes ampliassem seu conjunto de conhecimentos sobre assuntos da educação sexual, considerados

fundamentais para preservação de sua saúde. Além disso, ao compartilhar informações sobre a etiologia, prevenção, diagnóstico e tratamento do HPV, alguns alunos espontaneamente perceberam que haviam respondido erroneamente determinadas perguntas do questionário, aproveitando o momento para reorganizar ou completar seus conhecimentos.

Por outro lado, Suassuna *et al.*, (2020), descrevem em seu trabalho que nem todas as escolas da cidade de Natal/RN possuem ações específicas de educação em saúde realizadas por profissionais da área, ou quando ocorrem, sua continuidade acaba não sendo promovida pela instituição. Tal cenário evidencia e reforça a necessidade do estabelecimento de parcerias entre as escolas, instituições de ensino superior e órgãos de saúde para o desenvolvimento de intervenções que proporcionem a divulgação de conhecimentos em prol do bem-estar e autocuidado dos jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar uma correlação com os resultados deste estudo e os encontrados por outros pesquisadores, o que, por sua vez, reflete a realidade vivenciada pelos jovens no Brasil. Isso denuncia que ainda existem lacunas de conhecimentos sobre o HPV e de suas particularidades que precisam ser abordadas. A escola desempenha um papel fundamental nesse contexto, uma vez que é um ambiente que possibilita o processo de ensino-aprendizagem, não apenas transmitindo conhecimentos curriculares, mas também promovendo o desenvolvimento de habilidades e valores éticos e morais. Portanto, ela deve ser utilizada como um espaço para a disseminação de orientação sobre práticas sexuais seguras e a promoção da autorresponsabilidade por meio de intervenções colaborativas e projetos específicos. Dessa forma, os estudantes se tornarão menos vulneráveis à infecções e adotarão condutas focadas na preservação de sua saúde.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. N. S.; SOARES, A. D.; RAMOS, D. A. O.; SOARES, F. V.; FILHO, G. N.; VALADÃO, A. F.; MOTTA, P. G. Conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos da cidade de Ipatinga, MG, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, p. 849-860, mar. 2018.
- ALMEIDA, A. F. F.; HARDY, E. Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, n. 4, p. 565-572, ago. 2007.
- ALMEIDA, G. C. ; RIBEIRO, I. S.; MARZOCHI, L. L. **Análise do conhecimento sobre HPV de responsáveis e alunos do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual Bady Bassitt**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2023.
- AMATUZZI, M. M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de psicologia**, v. 13, n. 1, p. 5-10, 1996.
- ASTHANA, S.; BUSA, V.; LABANI, S. Oral contraceptives use and risk of cervical cancer - A systematic review & meta-analysis. **European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology**, v. 247, p. 163-175, 2020.
- BARRETO, R. M. A.; SANTOS, R. BEZERRA, A. C. L.; SILVA, M. A. M. IST na adolescência: percepção de gestantes à luz do círculo de cultura de paulo freire. **Revista Contexto & Saúde**, v. 16, n. 30, p. 116, 10 ago. 2016.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1990.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 15 maio. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Cadernos de Atenção Básica: HIV/aids, hepatites e outras DST**. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer. **Comitê permanente de acompanhamento da vacina do HPV**. Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde amplia vacinação contra HPV para mulheres imunossuprimidas com até 45 anos**. Brasília, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília, 2017.

BURD, E. M.; DEAN, C. L. Human papillomavirus. In: BURD, E. M.; DEAN, C. L. **Diagnostic microbiology of the immunocompromised host**. Washington, DC: ASM Press, 2016. p. 177-195. ISBN 9781683670704.

CARVALHO, K. F.; COSTA, L. M. O.; FRANÇA, R. F. A relação entre HPV e Câncer de Colo de Útero: um panorama a partir da produção bibliográfica da área. **Revista Saúde em Foco–Edição**, n. 11, 2019.

CASALEGNO, J. S.; CARVAL, K. L. B.; EIBACH, D.; VALDEYRON, M. L.; LAMBLIN, G.; JACQUEMOUND, H.; MELLIER, G.; LINA, B.; GAUCHERAND, P.; MATHEVET, P.; MEKKI, Y. High risk HPV contamination of endocavity vaginal ultrasound probes: an underestimated route of nosocomial infection?. **PloS one**, v. 7, n. 10, p. e48137, 2012.

CASTRO, M. S.; SILVÉRIO L. R. Conhecimentos e prevenção da luta contra o câncer de colo uterino: todos contra o vírus HPV!. **Sobre Tudo**, v. 9, n. 1, p. 97-97, 2018.

CHOI, S.; ISMAIL, A.; GOGOS, G. P.; BOUSSIOS, S. HPV and cervical cancer: A review of epidemiology and screening uptake in the UK. **Pathogens**, v. 12, n. 2, p. 298, 2023.

CORTEZ, E. A.; SILVA, L. M. Pesquisa-Ação: promovendo educação em saúde com adolescentes sobre infecção sexualmente transmissível. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 11, n. 9, p. 3642-3649, 2017.

COSTA, A. B. B. MORAIS, E. S. G.; SANTANA, L. V. A.; SOARES, A. F. Knowledge assessment about the topic: sexuality between adolescents in public high school. **Latin American Journal of Development**, v. 4, n. 2, p. 420-432, 2022.

COSTA, I. D.; NUNES, N. N. S. Compreensão dos adolescentes sobre a prevenção e transmissão das infecções sexualmente transmissíveis em escolas do município de Presidente Médici, Rondônia, Brasil. **Acta Biomédica Brasiliensia**, v. 8, n. 1, p. 12, 21 jul. 2017.

- ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. **Educar em Revista**, n. 16, p. 181-191, dez. 2000.
- FAIAL, L. C. M. SILVA, R. M. C. R. A.; PEREIRA, E. R.; REFRANDE, S. M.; SOUZA, L. M. C.; FAIAL, C. S. G. A escola como campo de promoção à saúde na adolescência: revisão literária. **Rev Pró-Uni**, v. 7, n. 2, p. 22-29, 2016.
- FERREIRA, E. B.; PINHO, J. R. O.; MOREIRA, J. C. R.; OLIVEIRA, A. E. F.; CASTRO JÚNIOR, E. F.; SOUSA, R. R. **O que muda com a adolescência: questões da prática assistencial para enfermeiros in: Saúde do adolescente questões da prática assistencial para enfermeiros**. Universidade Federal do Maranhão - UNA-SUS/UFMA, 2017.
- FILIPINI, C. B.; PRADO, B. O.; FELIPE, A. O. B; Terra, F. S. Transformações físicas e psíquicas: um olhar do adolescente. **Adolesc. Saúde (Online)**, p. 22-29, 2013.
- FELISBINO-MENDES, M. S. PAULA, T. F.; MACHADO, I. E.; CAMPOS, M. O.; MALTA, D. C. Análise dos indicadores de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes brasileiros, 2009, 2012 e 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, 2018.
- FROTA, A. M. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 7, n. 1, p. 147-160, 2007.
- GARCIA, C. Conceptualization and measurement of coping during adolescence: a review of the literature. **Journal of Nursing Scholarship**, v. 42, n. 2, p. 166-185, 16 dez. 2010.
- GILKEY, M. B.; MCREE, A. L. Provider communication about HPV vaccination: a systematic review. **Human Vaccines & Immunotherapeutics**, v. 12, n. 6, p. 1454-1468, 2 fev. 2016.
- GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 2º Ed. São Paulo: Loyola, 2004. 295p.
- HOLLIDAY, O. J. Para sistematizar experiências. **Brasília: Ministério do Meio Ambiente**, v. 2, p. 1-128, 2006.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Estimativa de 2023: incidência do Câncer no Brasil. Rio de Janeiro: **INCA**, 2022.
- JESUS, B. L.; NETO, F. S. **Oficina de estudo sobre gênero e sexualidade para o ensino médio. 2020**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Práticas pedagógicas para professores) - Instituto Federal do Espírito Santo, Colatina, 2020.
- KARNOSKY, J.; DIETMAIER, W.; KNUETTEL, H.; FREIGANG, V.; KOCH, M.; KOLL, F.; ZEMAN, F.; SCHULZ, C. HPV and lung cancer: a systematic review and meta-analysis. **Cancer Reports**, v. 4, n. 4, 23 fev. 2021.

MACÊDO, F. L. S.; SILVA, E. R.; SOARES, L. R. C.; ROSAL, V. M. S.; CARVALHO, N. A. L.; ROCHA, M. G. L. Infecção pelo HPV na adolescente. **Femina**, p. 185-188, 2015.

MACHADO, F. C.; MOURA, A. F. S.; TEIXEIRA, Y. C.; CAMPELO, M. C. D.; NETO, A. M. R.; OLIVEIRA, K. V. F., MEDEIROS, Y. K. M. Educação em saúde para sensibilizar adolescentes escolares para a vacinação contra o papilomavírus humanos. **Revista Ciência Plural**, v. 7, n. 2, p. 177-195, 2021.

MELO, JULIANA. Vulnerabilidades de adolescentes masculinos ao HPV em instituições escolares do município de Parnaíba-PI. **Revista Interdisciplinar**, v. 12, n. 1, p. 50-58, 2019.

MIRANDA, A. E.; SILVEIRA, M. F.; TRAVASSOS, A. G.; TENORIO, T.; VAL, I. C. C.; LANNOY, L.; MATTOS-JUNIOR, H. S.; CARVALHO, N. S. P3.13 High-risk papillomavirus infection and cervical cancer among women living with human immunodeficiency virus: brazilian multicentric study. In: **STI and HIV world congress abstracts, july 9–12 2017, Rio de Janeiro, brazil**. [S. l.]: BMJ Publishing Group Ltd, 2017.

NASCIMENTO, M. V.; SOUZA, I.; DEUS, M. S. M.; PERON, A. P. O que sabem os adolescentes do ensino básico público sobre o HPV. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 34, n. 2, p. 229, 19 dez. 2013.

OSIS, M. J. D.; DUARTE, G. A.; SOUSA, M. H. Conhecimento e atitude de usuários do SUS sobre o HPV e as vacinas disponíveis no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 48, n. 1, p. 123-133, fev. 2014.

PALEFSKY, J. Screening for anal and cervical dysplasia in HIV-infected patients. **The PRN notebook**, v. 6, n. 3, p. 24-31, 2001.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, v. 14, n. 2, p. 77-88, 2009.

PETCA, A.; BORISLAVSCHI A.; ZVANCA, E.; M. PETCA, R. C.; SANDRU, F.; DUMITRASCU, M. C. Non-sexual HPV transmission and role of vaccination for a better future. **Experimental and therapeutic medicine**, v. 20, n. 6, p. 1-1, 2020.

PINTO, V. F. C.; BARBOSA, V. F. C.; PAIVA, S. G. Aspectos epidemiológicos e citológicos de infecções pelo papilomavírus humano (HPV) em adolescentes: uma revisão. **Rev Cient ITPAC**, v. 5, n. 4, p. 2-11, 2012.

SANTOS, C. A.; CARVALHO, F. Z. S.; PASSOS, M. S.; GARCIA, L. F.; MACUCH, R. S.; BERNUCI, M. P. Internet e HPV: Uma possibilidade para educação em saúde entre adolescentes?. **Adolesc. Saude**, v. 16, n. 1, p. 46-59, jan/mar 2019.

SANTOS, J. C.; CEZAR, M. R. S.; LISBOA, M. R.; MOURA, M. M. F. Ocorrência de papilomavírus humano na cérvix uterina de mulheres da região ocidental Amazônia tal Brasileira. **Acta Amazônica**, v. 43, n. 2, p. 185-190, jun. 2013.

SILVA, D. S. M.; SILVA, A. M. N.; BRITO, L. M. O.; GOMES, S. R. L.; NASCIMENTO, M. D. S. B.; CHEIN, M. B. C. Rastreamento do câncer do colo do útero no Estado do Maranhão, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 1163-1170, 2014.

SILVA, I. A.; PEREIRA, L. M. M.; MUNIZ, F. J. A.; SOARES, A. F. Percepções, evidências e prevenção às IST'S entre estudantes de duas escolas de referência em ensino médio no município de Paudalho/PE. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 2, p. e3812239881, 14 jan. 2023.

SILVA LOPES, D. I.; BRITO, A. B.; PEREIRA, J. F. S.; AZEVEDO, T. M.; OLIVEIRA, I. B. B. O. Perfil do conhecimento de estudantes do ensino médio de uma escola pública no norte do Tocantins sobre a associação da infecção pelo vírus HPV e a neoplasia de colo uterino. **Revista Cereus**, v. 13, n. 2, p. 29-41, 2021.

SUASSUNA, A. P.; OLIVEIRA, S. F.; PAPA, T. D.; MACHADO, F. C. A. Percepções de alunos da rede pública de ensino de Natal/RN sobre educação em saúde na escola. **Revista Ciência Plural**, v. 6, n. 2, p. 66-81, 2020.

MOTA, J. S. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 12, p. 371-373, 2019.

SZYMONOWICZ, K. A., CHEN, J. Biological and clinical aspects of HPV-related cancers. **Cancer biology & medicine**, v. 17, n. 4, p. 864, 2020.

THIOLLENT, M. J. M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

THIOLLENT, M. J. M.; COLETTE, M. M. Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 36, n. 2, p. 207-216, 2014.

TORQUATO, B. G. S.; OLIVEIRA, M. S.; OLIVEIRA, L. F.; LEITÃO, M. L. C.; CAVELLANI, C. L.; TEIXEIRA, V. P. A.; FERRAZ, M. L. F. O saber sexual na adolescência. **Revista Ciência em Extensão**, v. 13, n. 3, p. 54-63, 2017.

WALBOOMERS, J. M. M.; JACOBS, M. V.; MANOS, M. M.; BOSCH, F. X.; KUMMER, J. A. K.; SHAH, K. V.; SNIJDERS, P. J. F.; PETO, J.; MEIJER, C. J. L. M.; MUNÓZ, N. Human papillomavirus is a necessary cause of invasive cervical cancer worldwide. **The Journal of pathology**, v. 189, n. 1, p. 12-19, 1999.

WRIGHT, T. C.; STOLER, M. H.; BEHRENS, C.M.; SHARMA, A.; ZHANG G.; WRIGHT, T. L.; Primary cervical cancer screening with human papillomavirus: End of study results from the ATHENA study using HPV as the first line screening test. **Gynecologic Oncology**, v. 136, n. 2, p. 189-197, fev. 2015.

YANG, J.; WANG, W.; WANG, Z.; WANG, Z.; WANG, Y.; WANG, J.; ZHAO, W.; LI, D.; LIU, H.; HAO, M. Prevalence, genotype distribution and risk factors of cervical HPV infection in Yangqu, China: a population-based survey of 10086 women. **Human Vaccines & Immunotherapeutics**, v. 16, n. 7, p. 1645-1652, 2020.